

O TEMPO E A VONTADE

por Mário Soares

Os resultados das eleições europeias deixaram muitos socialistas apreensivos, desiludidos, cépticos quanto ao futuro da União Europeia. Falo em termos europeus. Não no plano português. Porque aqui a confusão ideológica é ainda maior e data do início da Democracia, saída do 25 de Abril. O PS sempre integrou a família socialista, social-democrata, trabalhista; e o PSD, antes chamado PPD, depois de algumas indecisões, aderiu ao PPE, à família conservadora, popular e democrata-cristã, como aliás o CDS/PP. A divisão entre os dois maiores partidos portugueses é, pois, entre a Esquerda e Direita.

Note-se que mais do que a vitória da Direita neo-liberal o que se passou na União Europeia foi a derrota da Esquerda Democrática, castigada por uma abstenção devastadora, por votos nulos, brancos e pelo distanciamento do eleitorado tradicional socialista. Porquê?

Porque na última legislatura europeia os socialistas europeus foram mais ou menos "colonizados" pela ideologia neo-liberal, em moda nos mandatos de Bush e mesmo antes, abandonaram alguns dos seus valores tradicionais, envergonharam-se da própria palavra socialismo, que usaram o menos possível, privatizaram o que puderam e procederam como se o mercado e o dinheiro, fossem os valores supremos.

As consequências deste procedimento estão à vista de todos: a crise global que nos afecta - e que, atenção, está longe de estar dominada - só pode ser vencida, sem estragos maiores, se formos capazes de mudar de paradigma, como diz Barack Obama. Quanto mais cedo, melhor. Mas os dirigentes europeus, que vêm de trás - e se julgam reforçados com as eleições europeias - não querem ver a realidade. Um erro colossal que nos trará consequências muito negativas, a curto prazo.

Há vários sinais, contudo, que a família socialista europeia está a mudar. A derrota nas últimas eleições fê-la reflectir. Várias vozes respeitadas se levantaram a denunciar a situação. Dou exemplos: a carta que o Presidente do Grupo da Aliança Progressista de Socialistas e Democratas no Parlamento Europeu, Martin Schulz, dirigiu aos membros do Grupo; o artigo do Presidente do PSE, Poul Nyrup Rasmussen, intitulado "Mudança ou Morte"; e sobretudo o "Pacto Mundial para o Emprego", apresentado por Juan Somavia, director-geral da Organização Internacional do Trabalho, ao Conselho Económico e Social das Nações Unidas para debate que deverá realizar-se, e ser aprovado, no final deste mês de Julho.

Todos estes documentos poderão encontrar-se na internet. Visam vencer a crise, com mais defesa da dignidade do trabalho, mais e melhor emprego, auxílio às empresas criadoras de emprego, luta contra a pobreza e as desigualdades sociais, defesa do ambiente, regulação da globalização, maior e mais eficiente supervisão das entidades bancárias e financeiras, punição dos prevaricadores e especuladores que nos conduziram à crise actual, isto é: uma espécie de New Deal, à escala global.

Os socialistas não têm razão para estar desanimados ou pessimistas. A história deu-lhes razão. Não, aos conservadores, aos neo-liberais ou aos populistas. Esses, só mudando radicalmente de ideias, poderão ajudar a vencer a

crise. Como se verá... Jacques Julliard, num lúcido artigo no *Nouvel Observateur* deu exemplos: Barack Obama, quer mais intervencionismo do Estado e mais regulação, uma mudança político-económica de 180°. Mais luta contra o desemprego, em favor de serviços sociais de qualidade e mudar a imagem da América no mundo. O Papa Bento XVI na recente Encíclica "Caritas in veritate" denuncia as "aberrações do lucro", "a tirania do mercado", as desigualdades sociais e preconiza uma nova autoridade política mundial. É o ar do tempo. A que os dirigentes políticos europeus actuais parecem não dar uma importância.

Assim sendo, a Europa vai mal. Não nos admiremos do profundo descontentamento que aí vem!

Lisboa, 23 de Julho de 2009